

## TOPOFOBIA: A REPRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS OPRESSIVOS EM *AMADA*, DE TONI MORRISON

Wellington Neves Vieira\*

Roberto Henrique Seidel\*\*

*Recebido em 04/07/2018; aceito em 09/10/2018.*

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é identificar as representações dos espaços opressivos na obra *Amada*, de Toni Morrison, a partir de uma percepção sobre o espaço, demonstra a relação dos espaços ocupados pelos personagens negros, na transmissão de sentimentos de topofobia. A metodologia empregada é de caráter teórico, qualitativo-descritivo. Na intenção de esquematizar a pesquisa literária por meio de análises explicativas, descritivas e exploratórias, adentra-se o campo da Geografia Humanista como base de sustentação do estudo. Discute-se a Geografia Humanista do ponto de vista espacial. Por fim, averigua-se a relação dos personagens com os espaços opressivos. Constatou-se ao final da pesquisa que as análises dos espaços que foram feitas no romance “Amada” transmitem a revitalização de um passado à procura de dar voz a uma nova realidade histórica, o que poderá ser compreendido como a constituição de um espaço para uma “alteridade” que desafia e resiste ao discurso dominante.

**Palavras-chave:** Geografia humanista; Alteridade; Literatura afro-americana.

### Introdução

De caráter interdisciplinar esta pesquisa traz uma reflexão para realidade dos negros norte-americanos situados no romance *Amada* de Toni Morrison e uma possibilidade de revisão da percepção das ações do ser humano consigo mesmo e com o espaço vivido. Partindo do bom senso de que a literatura pode ser um forte veículo para as conquistas de espaços discursivos, o objetivo desta pesquisa é identificar as representações dos espaços opressivos na obra *Amada* de Toni Morrison, a partir de uma percepção sobre o espaço, demonstrando o envolvimento dos espaços ocupados pelos personagens negros, na transmissão de sentimentos de topofobia.

A metodologia empregada é de caráter teórico, qualitativo-descritivo. Na intenção de esquematizar a pesquisa literária através de análises explicativas, descritivas e exploratórias, o presente estudo motiva questões como segue: seria- a geografia humanista uma abordagem que abre

---

\* Professor da Faculdade Sete de Setembro-FASETE e da secretaria de Educação do Estado de Alagoas.

\*\* Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia- UNEB.

caminhos para examinar como o espaço tem sido usada por Toni Morrison para discutir questões de opressões raciais e de gêneros em diversos contextos culturais, críticos e disciplinares?

Nesse contexto, parece que a obra morrisoniana entra com um corpus muito importante, vez que a autora mostra, minuciosamente, a mulher, o homem e a luta, ou seja, o espaço e toda sua complexidade mediados pelas problemáticas de gênero, raça e história. Narra-se, em *Amada*, a história de fuga da escrava Sethe e suas atitudes conflitantes para com o espaço, como resultado da violência que vivencia enquanto escravizada no Sul do país.

Nesse sentido, busca-se, no primeiro tópico, conceitos da Geografia Humanista para compreender os sentimentos de topofobia dados aos espaços físicos sobre a relação humana, cuja finalidade é fazer entender as várias simbologias sociais e étnicas representadas na obra *Amada* de Toni Morrison. No segundo tópico, parte-se para conhecer a obra e seus personagens. No terceiro e último tópico, analisa-se a relação dos personagens com os espaços opressivos do romance em questão, que envolve o conceito de topofobia.

Ao relacionar a teoria da Geografia Humanista à narrativa afro-americana, este estudo pretende contribuir para os estudos morrisonianos, porque propõe uma nova visão para abordagem da obra *Amada*, crítica já afadigada por inúmeras análises literárias, e ao mesmo tempo por trazer uma reflexão para a percepção do espaço, bem como as ações do ser humano consigo mesmo.

## **1 Percepção do espaço**

A análise do espaço sobre a relação humana torna-se cada vez mais importante nos estudos literários, pois a literatura representa estilos e modos de produções de vida de determinadas comunidades, assim são apresentados os espaços e os lugares característicos de cada povo, que, por sua vez, exprimi suas peculiaridades culturais. Estas são vivenciadas nesse espaço e este pode despertar, para determinados indivíduos, diferentes sentimentos, o que, inevitavelmente, ocorre em *Amada*. Para compreender o desenvolvimento de sentimento no espaço, o teórico Milton Santos (2006, p. 39) na obra *A natureza do espaço* compreende o espaço como “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente”.

Percebe-se, nessa ótica, que o senso de espaço mencionado pelo teórico é talvez o conceito mais geral do espaço que abriga seres vivos e sua complexa relação com os elementos que estão ao

redor, bem como o relacionamento entre as pessoas e suas configurações espaciais, cujas ações conjuntas constituem a relação homem-espaço, a identidade local, o sentimento de pertencimento de amor ao espaço, mas pode também revelar aversão a esse espaço, que representa os aspectos da autoidentidade que envolve o ser humano no espaço no qual está inserido “num processo de apropriação ou desapropriação que se acentua e torna-se cada vez mais um processo social e geral” (MORAES; COSTA 1999, p. 87). Isso implica a constituição dos significados sociais e pessoais referentes ao espaço.

Contudo, é preciso frisar que essa dinamicidade significativa do espaço é caracterizada por cada indivíduo que constitui os próprios sentimentos e percepções do espaço por meio das relações sociais que o qualifica e o singulariza. Esse “processo espacial tem uma dimensão aparente, visível [...] marcada pela heterogeneidade dos lugares” (CARLOS, 2001, p. 65). É de notar que as ações dos seres humanos em relação à vida nos espaços refletem, necessariamente, variações comportamentais individuais marcadas pelo entrosamento da vida em sociedade. Ainda Carlos (2001, p. 65) argumenta que:

Todavia, o processo de reprodução espacial se articula ao plano da reprodução da vida, o que significa levar em consideração o ponto de vista do habitante, para quem o espaço se reproduz enquanto lugar onde se desenrola a vida em todas suas dimensões – o habitar e tudo que ele implica e/ou revela.

Como se pode perceber, o nódulo explicativo central a respeito das reproduções do espaço é sustentado nas redes de produção social que envolvem a vivência humana de forma peculiar, abrangendo afetos próprios que conectam amplas percepções do lugar. Visto que o espaço se representa como lugar por meio desse mecanismo, é preciso salientar que existem diferenças entre espaços e lugares. Para Yi-Fu Tuan: “As ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra” (1983, p. 6). É perceptível que um está contido no outro, sendo que o melhor entendimento para essa fusão se centra na compreensão de que o espaço abrange uma dimensão maior e, dentro dessa extensão, encontra-se outra menor, que pode ser denominada como lugar. É sabido que tanto o espaço como o lugar se apresentam de modo diferenciado

Sobre essa caracterização, Tuan (1983, p. 6) argumenta que:

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. O espaço é mais abstrato do que o lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. [...] A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço

como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

Nessa vertente de raciocínio, observa-se, então, que o espaço existe num plano subjetivo e simbólico que o caracteriza como abstrato; já o lugar é construído à medida que o homem nas relações sociais desenvolve o sentimento de apropriação. Ainda se percebe que a liberdade só é alcançada a partir da segurança que o indivíduo tem do lugar ou suposto benefício que o espaço pode oferecer. De todo modo, é preciso salientar que esse espaço só se manifesta como lugar a partir da percepção de cada sujeito que nele se movimenta, tornando possível seu surgimento.

Ainda nessa complexa rede de diferenciações entre o espaço e o lugar, constata-se que o espaço sempre permanecerá vivo, enquanto o lugar poderá ser destruído, reconstruído sob outra forma ou talvez nunca encontrado. Como exemplificam alguns versos do poeta inglês John Clare intitulado “Natal” e citado por Raymond Williams no livro *O campo e a cidade: na história e na literatura* (2011, p. 235), nota-se a ausência do lugar e a presença subjetiva do espaço expressa no poema:

Terra natal que cada vez mais amo! [...]  
E tudo aquilo que pertence a ela –  
Um velho mourão, ou pedra singela,  
Verde de limo – me faz desejar  
Que tudo fique sempre onde está;  
E dói-me ver que as coisas mais queridas  
De seu lugar já foram removidas  
Tudo isso não é mais; e, como o meu,  
O teu orgulho de viver morreu<sup>1</sup>

Em primeira instância, averigua-se o saudosismo do eu poético com relação à terra natal, de um lado, e a boa lembrança e o desejo do lugar permanecer como antes, do outro lado, bem como a angústia de saber que o lugar não mais existe, pois foi destruído pela industrialização inglesa. Assim, pode-se afirmar que o espaço ainda existe, ele é representado no poema e, portanto, é atemporal; já o lugar, caracterizado pelo local, em que o eu-poético manifesta os sentimentos, não existe mais.

Percebe-se, então, que o lugar se transforma e o espaço não: “Lugar é segurança e o espaço liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”<sup>2</sup> (TUAN, 1983, p. 3). Como observado, um é o fio condutor do outro, o lugar expressa uma relação mais íntima na qual o sujeito

---

<sup>1</sup> Original: “Dear native spot! Which length of time endears [...] Nay e’en a post, old standard, or stone/ Moss’d o’er by age, and branded as her own/Would in my mind a strong attachment gain./ A fond desire that they might there remain;/ And all old favourites, fond taste approves,/ Griev’d me at heart to witness their removes. But now, alas! Those scenes exist no more;/ the pride of life with thee, like mine is o’er.”

<sup>2</sup> Não há um consenso de conceitos entre os teóricos a respeito de lugar e espaço, logo, nessa pesquisa segue-se o pensamento de Tuan (1983) devido sua contextualização com a presente investigação.

ali se sente seguro. O espaço abrange o todo guiando o sujeito na libertação dos sentimentos para a constituição dos lugares. Conforme Edward Helph (1979, p. 17-8):

Os lugares que conhecemos e gostamos são todos lugares únicos e suas particularidades são determinadas por suas paisagens e espaços individuais e por nosso cuidado e responsabilidade, ou ainda, pelo nosso desgosto, por eles. Se conhecemos lugares com afeição profunda e genealógica, ou como pontos de parada numa passagem através do mundo, eles são colocados à parte porque significam algo para nós e são os centros a partir dos quais olhamos, metaforicamente pelo menos, através dos espaços e para as paisagens.

O espaço é uma característica relevante no romance *Amada*, a escritora Toni Morrison conduz para uma apreciação alegórica do que esses espaços significam para as personagens, numa complexa rede de simbologias que evocam amor, ódio, tristeza, medo, mas também segurança ao lugar. Morrison revela em *Amada* uma inegável realidade afro-americana, por isso o espaço em sua obra está relacionado aos modos de reprodução da vida das personagens, que despertam os mais variados sentimentos, como topofilia e topofobia. Esses termos foram empregados por Yi-Fu Tuan na Geografia Humanista, nos livros *Topofilia* (1980) e *Paisagem do medo* (2005), com a finalidade de descrever os sentimentos do indivíduo em relação ao espaço/lugar. Logo, a ecocrítica se apropria desses termos para melhor perceber os sentimentos dos sujeitos para com o espaço de atuação.

Assim, sentir o lugar envolve uma diversidade de emoções e classificações de valores que se pode desenvolver também de modo traumatizante, num sistema denominado por Tuan como topofobia, é compreendido como aversão ao local, “à paisagem do medo” (1980, p. 6). De acordo com Amorim Filho (2000), “a topofobia se constitui em medo ou aversão por alguma paisagem ou lugar”. Como se pode notar, as manifestações de sentimentos ao espaço são expressas de várias formas: se, de um lado, há o espaço da felicidade, do outro, apresenta-se a dor. Será nessas dualidades sentimentais que encontramos no dicionário eletrônico Aurélio (2010) a etimologia desses termos todos eles são palavras gregas: “tópos = lugar, filia se origina de “filos” = amigo, e do verbo “filein” = amar, gostar, beijar”, então é compreendido como Amor a terra. Fóbos = medo”. Para expressar o medo ao lugar. Essas ações são apresentadas de modo subjetivo dependendo das reações de cada indivíduo.

Yi-Fu Tuan (2005, p. 13) menciona que “o medo ao espaço pode estar ligado à fantasia, à historicidade e a lendas que determinados espaços carregam”. Com efeito, essa perspectiva pode ser expressa a partir dos constructos culturais que anunciam formas próprias de crenças, ritos e

fantasias, desse modo, a topofobia poderá ser representada por lugares como cavernas, casas abandonadas, terrenos baldios, estradas escuras, locais onde aconteceram cenas de massacres, etc.

Tendo por base o conceito de topofobia, podem-se compreender as atitudes e comportamentos das personagens da obra *Amada*, de Toni Morrison. O olhar primeiro na narrativa é direcionado para a casa cinzenta e branca, nº 124, situada na Rua Bluestone, inegavelmente uma arquitetura que reifica o passado das personagens levando-as ao aprisionamento.

Nesse ambiente, Sethe e Denver estão aprisionadas em uma memória persistente que se recusa a libertá-las. Era Sweet Home (Doce Lar), ironicamente assim chamado, um lugar que só evocava lembranças dolorosas para aqueles que lá habitaram; nesse lugar, observa-se claramente o sentimento topofóbico.

O romance também faz referências ao espaço figurativo para falar das memórias, emoções e, às vezes, da ideologia. Coração de Paul D, por exemplo, é espacialmente configurada como “uma lata de tabaco alojada em seu peito”, em que suas memórias traumáticas são colocados de modo que “nada neste mundo poderia erguê-la aberta” (MORRISON, 1987, p. 113 *tradução nossa*).

Sethe vê a memória como espaço cheio de tristeza ou lacunas (que ela chama de “espaço vazio” [p. 95, *tradução nossa*]). E, finalmente, o medo do *whitefolk* e o desejo de poder sobre seus escravos são metaforizados como uma selva de sua criação (p. 198-9). Nesse contexto, verifica-se que a representação do lugar na memória das personagens em *Amada* é de caráter topofóbico, transmitido demasiadamente como o local do medo, dor e ódio, devido aos inúmeros massacres a que foram submetidos. Por essa perspectiva, será feita uma análise mais minuciosa no próximo tópico no qual serão averiguados os espaços de opressão focando no sentimento de topofobia.

De um lado, são expressas as funções espaciais metaforicamente empregadas na narrativa, do outro lado, o conhecido espaço, principalmente o lugar, circunscrito e material, que possibilita cartografar os significados sociais e psicológicos presentes nas personagens. Além disso, o interesse maior está na análise do espaço como dimensão para registrar os traumas como subsídio para o desenvolvimento de uma política de resistência racial. É importante também considerar a casa 124 da Bluestone não apenas como um aprisionamento de um passado teimoso, destrutivo, mas como um lugar restrito cujo assombramento tem a ver com o modo como os habitantes negociam com o

espaço vivido, sobre o qual as memórias passadas são ativadas. Para Abreu (2011, p. 28-9), esse mecanismo se dá:

[...] através da recuperação das memórias coletivas que sobraram do passado (elas materializadas no espaço ou em documentos) e da preocupação constante em registrar as memórias coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade (muitas das quais certamente fadadas ao desaparecimento) que podemos resgatar muito do passado, eternizar o presente, e garantir às gerações futuras um lastro importante para a sua identidade.

Baseado nessa experiência, a personagem Sethe, em *Amada*, está inserida nesse processo. Isso é importante como momento crítico, em que traços da memória coletiva e da identidade negra convergem dentro para um mesmo lugar no espaço. A memória traumática, nesse sentido, é algo que perpetuamente perturba a psique das personagens, torna-se sintomática e visível.

O trauma no lugar em que o negro está inserido é um aspecto importante para o estudo da memória em *Amada*, embora seja preciso frisar que a memória não é objeto deste estudo, mas, sim, faz parte das análises espaciais presentes no romance; ou seja, a lembrança das personagens é ativada e, por meio dela, analisam-se os espaços nos quais as personagens estão inseridas.

As imagens espacialmente capturadas em *Amada* estabelecem uma conexão entre o habitante, espaço e história social, o que será visto mais adiante, no próximo tópico.

Tratou-se até aqui de expor o entendimento a respeito do lugar/espaço, bem como os sentimentos do sujeito para com o lugar situado em determinado tempo-espaço, mencionado por Tuan (1980), como topofobia, breves argumentações foram feitas sobre a obra *Amada* para mostrar que o sentimento, topofobia se faz presente na obra, que serão analisados mais detalhadamente a seguir.

## **2 Conhecendo o romance *Amada***

Em *Amada*, Morrison propõe a árdua problemática da condição dos escravos e seus descendentes e, em especial, da mulher negra nos Estados Unidos retratada no século XIX. As dores da escravidão recém-abolida ainda não estavam completamente extintas, seus vestígios eram explícitos, como a cicatriz em forma de árvore nas costas de Sethe que mostra os sinais da flagelação, quando era açoitada na fazenda em que trabalhava, chamada Sweet Home.

O romance é composto por três longas narrativas em 28 capítulos, abordando os costumes religiosos e culturais, a luta das mulheres negras pela liberdade, mostrando a cruel realidade que viveram após a Guerra Civil norte-americana.

No desenvolvimento da obra, além de detalhar as memórias que atormentam a mãe por ter assassinado a filha, a autora aborda com riqueza de detalhes as opressões sofridas pelas mulheres negras da época, as violências físicas e sexuais a que eram submetidas e as diferenças de classe entre brancos e negros.

## 2.1 Principais personagens

**Sethe** – protagonista do romance, é a incorporação da própria Margareth Garner, foi escrava na Sweet Home e, no tempo presente da história, vive com a filha caçula de 18 anos, Denver, em uma casa completamente assustadora e perturbada, no nº 124 da Bluestone Road.

**Denver** – filha mais nova de Sethe, adora o fantasma, pois acredita que é o espírito da irmã mais velha.

**Baby Suggs** – sogra de Sethe. Também foi escrava em Sweet Home, mas tem a liberdade comprada pelo filho Halle e é levada pelo antigo dono para morar em Cincinnati, Ohio. É muito querida e, junto com outros ex-escravos, pratica louvores a Deus junto à natureza. Morre algum tempo depois da morte da neta **Amada** e da fuga dos outros dois netos.

**Paul D** – escravo fugitivo da Sweet Home. Chega ao nº 124 das Bluestone Road para rever Baby Suggs e Sethe, por quem sempre foi apaixonado. Primeiro, tenta exorcizar o fantasma do bebê da casa, contudo, este retorna em formato de uma jovem de quase 18 anos. Para afastar Paul D da casa e da vida de Sethe, com quem está tentando ser feliz, o fantasma de **Amada** o seduz e, com isso, faz com que ele se sinta culpado e vá embora.

**Amada** – fantasma da filha assassinada por Sethe, que retorna como uma jovem de 18 anos para controlar a casa e dominar Sethe, forçando-a a lembrar o passado que sempre tentou esquecer. Com a volta de Amada, a vida de Sethe começa a correr perigo, pois, para fugir da culpa que carrega por ter matado a filha, passa a fazer todas as vontades do fantasma.

Vale ressaltar que a construção da narrativa da vida das personagens em *Amada* acontece de forma não linear, não tem pontos firmes de espaço e tempo, há a presença de diferentes vozes que



compõem fragmentos de memória, histórias vivenciadas e recontadas algum tempo depois. Constroem-se e reconstróem-se acontecimentos do passado com pontos obscuros e incompreensíveis nos fatos das trajetórias das personagens.

A narrativa de *Amada* é contada no presente por um narrador em terceira pessoa. Quando o narrador intercala os *flashbacks* contados pelas personagens, a narrativa passa a ser em primeira pessoa. Os relatos e as lembranças do passado na fazenda Sweet Home e a violência da escravidão são revelados aos poucos e de forma dolorosa pelas personagens.

Ao analisar a constituição da narrativa, Morrison dá mais ênfase às circunstâncias de opressões, violências sexuais e intercepções do negro no espaço social. Junto desse sofrimento, a escritora envolve também todo o cenário natural do ambiente no qual os afros sobreviviam: “[...] lá estava a Sweet Home rolando, rolando diante de seus olhos, e, embora não houvesse uma única folha naquela fazenda que não lhe desse ganas de gritar” (MORRISON, 1987, p. 14). Como se pode observar, atrelados à aflição, a escritora introduz elementos ambientais, tanto no espaço geográfico como no corpo dos negros, como já citado aqui, tendo como exemplo a árvore nas costas de Sethe. Analisa-se no próximo tópico a dinâmica do espaço topocídio e topofobia.

### **3 Topofobia: a representação dos espaços opressivos em *Amada***

O espaço primeiro apresentado na narrativa é descrito como um local estranho, de acontecimentos inesperados e assustadores. “O 124 era rancoroso. Cheio de um veneno de bebê. As mulheres da casa sabiam e sabiam também as crianças. Durante anos, cada um lidou com o rancor de seu próprio jeito, mas, em 1873, Sethe e sua filha Denver foram suas únicas vítimas” (MORRISON, 2007, p. 17).

Como se pode notar, o espaço que aloja Sethe e sua “família” era cercado de ódio de um bebê, como já visto no tópico anterior, a filha mais velha que Sethe matou para não vê-la ser escrava. A trágica ação ocorreu quando Sethe estava prestes a ser resgatada pelo antigo dono, e agora, no tempo presente da narrativa, o fantasma de sua pequena filha não a deixava em paz apavorando a todos na casa, conseqüentemente, o fantasma consegue expulsar os outros dois filhos homens de Sethe, Howard e Buglar, por meio de eventos aterrorizantes:

[...] assim que o simples olhar no espelho o estilhaçava (foi esse o sinal para Buglar); assim que as marcas de duas mãozinhas apareceram no bolo (esse foi o de Howard). Nenhum dos dois rapazes esperou para ver mais; outro caldeirão de

ervilhas fumegando amontoadas pelo chão; biscoitos esfarelados e espalhados numa linha junto ao batente da porta. Não esperaram nem por um dos períodos de alívio: as semanas, meses mesmo, em que nada acontecia. [...] no pico do inverno, deixaram a avó, Baby Suggs; Sethe, a mãe; e a irmãzinha pequena, Denver, completamente sozinhas na casa cinza e branca da rua Bluestone (MORRISON, 2007, p. 17-8).

É notável a presença do fantasma em todas as extensões da casa, os garotos Howard e Buglar não suportaram mais viver num espaço de inquietações, desencantos e tantos desequilíbrios, está-se diante de uma casa desordenada, sem controle espiritual, em que todas as coisas são retiradas do devido lugar, até mesmo alguns moradores são forçados a deixar o espaço da assustadora 124. Pode-se relacionar também esse fato ao deslocamento dos negros sequestrados do próprio espaço africano por meio de ações violentas e espalhados pela América como areia movediça.

Além do mais, a citação acima mostra o início de uma narrativa complexa de falas e pensamentos desconexos entre as personagens, cabendo ao leitor juntar as peças e montar o quebra-cabeça, para, então, compreender os acontecimentos. As estações do ano têm muito a dizer em cada espaço, pois o inverno é época de tempestades, nevoeiro e fortes chuvas. Para Foster (2010, p. 169), “[...] As estações têm cada uma emoções apropriadas [...] o inverno transmite raiva e ódio”.

O ódio do bebê se faz presente em torno da casa 124 justamente no inverno, período em que os filhos homens de Sethe, Howard e Buglar, resolveram sair de casa. Nesse episódio, relaciona-se o inverno a um momento de conturbações, aflições e dificuldades enfrentadas pela família. Para Foster (2010, p. 171), “o inverno transmite ressentimento e morte”. Nada na escrita feminina de Morrison é colocado por acaso, sempre há uma conexão vinculada nas situações expressas na narrativa, até mesmo na cor cinzenta e branca da casa, as quais revelam tributos de significações, transmitindo dúvidas, invisibilidades e enigmas a ser desvendados no espaço da narrativa.

As interpretações simbólicas são relativizadas, no entanto há possibilidades de interpretações nas cores cinza e a branca que nessa perspectiva revelam, também, a dualidade do mundo real com o espiritual, essa ecoespiritualidade presente na obra é fruto de um passado traumatizante: “A cor cinzenta ou gris, composta, em partes iguais de preto e de branco, designaria, na simbologia cristã, a ressurreição dos mortos” (PORTAL apud CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 248).

Nessa perspectiva, compreende-se que não é por acaso que a 124 ganha a cor cinza e branca, a casa é uma espécie de portal entre o espaço físico e espiritual por meio do qual o espírito de Amada

tenta reativar os dois mundos com atitudes desagradáveis, em que a paz dificilmente reina naquele lar. Essa realidade é demonstrada na narrativa por um:

Inverno em Ohio que era especialmente duro para quem tinha apetite por cor. O céu só provia drama e contar com um horizonte de Cincinnati como alegria principal da vida era mesmo temerário. Então, Sethe e a menina Denver faziam [...] faziam o que a casa permitia. Juntas tratavam uma inútil batalha contra o comportamento daquele lugar; contra penicos virados, tapas no traseiro e rajadas de ar viciado. Porque elas entendiam a fonte da infâmia tão bem quanto conheciam a fonte de luz (MORRISON, 2007, p. 18).

Como se pode notar, a desconcertante situação ainda permanece no inverno, as personagens labutam contra as forças sobrenaturais, e, nessa tentativa de organizar e harmonizar o local de convívio, vive-se em uma zona desconfortável de angústias, inquietações e ansiedades em atingir momentos de paz.

Sethe, a todo custo, tenta encontrar uma solução, um meio para escapar da perseguição do espírito da filha Amada, não obstante, a linha de fuga de Sethe só ocorre com a chegada de Paul D, amigo de Sethe e ex-escravo da Sweet Home, que consegue expulsar o fantasma da casa.

O encontro com Paul D abre caminhos para ativar os espaços que estavam adormecidos em Sethe, lugares que trazem à tona um passado massacrante da escravidão que ainda permanece presente nas memórias das personagens.

Os relatos e as lembranças do passado na fazenda Sweet Home e a violência da escravidão são revelados aos poucos e de forma dolorosa pelas personagens. O espaço da escravidão era mascarado conforme segue a citação:

[...] lá estava a Sweet Home rolando, rolando diante de seus olhos, e, embora não houvesse uma única folha naquela fazenda que não lhe desse ganas de gritar, Sweet Home desenrolava-se diante dela numa beleza desavergonhada. Nunca parecia tão terrível como de fato era, o que fazia Sethe se perguntar se o inferno não seria um lugar bonito também. Fogo e enxofre, sim, mas escondidos em bosques rendilhados. Rapazes pendurados nos sicômoros mais lindos do mundo. Sentia vergonha de lembrar das maravilhosas árvores sussurrantes mais do que os rapazes (MORRISON, 2007, p. 21)

A Sweet Home é a representação da paisagem do medo, ironicamente colocada pela autora como Lar Doce Lar, um espaço que se mostra um simulacro de um lugar belo e, por isso, harmonioso, uma falsa imagem que atormentou muitos negros. As árduas lembranças do local eram

revividas de forma completamente chocante entre as personagens, lembrar fatos passados era viver para o cenário do trauma, que, dificilmente, será apagado de suas mentes.

Portanto, a Sweet Home era vista por todos que passavam por lá como um local massacrante. Ou seja, esse lugar, o qual averiguamos na narrativa, é o espaço da subalternização, aflição, horror, escravidão. Ódio ou topofobia que Sethe expressa a Denver ao falar e descrever a Sweet Home como o espaço da opressão, lugar que impregnou dores nos herdeiros da escravidão:

Lá onde eu estava antes de vir para cá, aquele lugar é de verdade. Não vai sumir nunca. Mesmo que a fazenda inteira – cada árvore, cada haste de grama dela morra. A imagem ainda está lá, e mais, se você for lá – você que nunca esteve lá –, se você for lá e ficar no lugar onde era, vai acontecer tudo de novo; vai estar ali para você, esperando você. Então, Denver, você não pode ir lá nunca. Nunca. Porque mesmo agora que está tudo acabado – acabado e encerrado –, vai estar sempre lá esperando você. Foi por isso que eu tive de tirar todos os meus filhos de lá (MORRISON, 2007, p. 61).

O espaço presente em *Amada* faz um papel bastante específico no decorrer da obra, o ambiente sulista sempre foi conhecido como o lugar da opressão em que os escravos eram aprisionados e nunca libertos. Na obra, fica claro que a moradia se fundia com o local do trabalho e o local do trabalho se fundia com a moradia.

Para Yi-Fu Tuan (2005), o processo de temer o espaço pode estar ligado à historicidade e às lendas que determinados espaços carregam, no caso da Sweet Home, o medo se formula pela amarga condição a que os negros eram submetidos tendo os filhos separados e espancados, filhas e esposas estupradas e violentadas de diversas formas.

Desse modo, o trauma aos espaços da Sweet Home segue uma teia rizomática transmitida de geração a geração. Nessa sintonia, o espaço era dominado por homens brancos cuja potência estava nas armas em punhos. Paul D caracterizava os opressores como:

Homens pequenos, homens grandes também, todos eles eram capazes de quebrar em dois como um graveto se quisessem. Homens que ele sabia que tinham a virilidade era nas armas e nem tinham vergonha de admitir que sem armas até a raposa ria deles. E esses “homens” que faziam até as raposas darem risadas podiam [...] impedir você de ouvir os pombos ou de gostar do luar (MORRISON, 2007, p. 220).

Assim, há um sul dominado por pessoas brancas, proprietárias das fazendas, as quais ditam o modo de como o espaço ao redor deve ser ocupado, explorado, enfim, utilizado para atender às necessidades de caráter financeiro. A floresta, os campos, os pântanos, ou seja, todos os elementos

da natureza foram reservados para os modos de produção capitalista: “Os escravos e seus descendentes viveram como exilados proibidos de desenvolver qualquer relação de livre escolha com a terra e o lugar onde trabalharam e viveram” (WALTER, 2009, p. 117).

Nesses espaços, os escravos trabalhavam dia após dia, considerados, assim, como mercadorias, numa representatividade do poder sobre o corpo e o desejo do outro, que por consequência desperta o sentimento de estraneidade espacial “Homens e mulheres eram deslocados como peças de xadrez” (MORRISON, 2007, p. 43), de forma extremamente desumana num processo sobre o qual:

Cada homem se curvava e esperava. O primeiro pegava a ponta e passava pela argola no ferro de sua perna. Endireitava-se, então, afastava-se um pouco e entregava a ponta da corrente para o prisioneiro seguinte, que fazia a mesma coisa. À medida que a corrente avançava, cada homem se punha no lugar do outro, a fila de homens virada para o outro lado, de frente para as caixas das quais tinham saído. Ninguém falava com o outro. Pelo menos não com palavras. Os olhos tinham de dizer o que havia a dizer: “Me ajude esta manhã; estou mal”; “Eu aguento”; “Homem novo”; “Firme agora, firme” [...] De vez em quando, um homem ajoelhado escolhia um tiro na cabeça como o preço, talvez por levar um pedaço de prepúcio com ele para Jesus (MORRISON, 2007, p. 151).

Como se pode ver, o medo acompanha as vítimas da escravidão, as quais levavam consigo, a cada dia, a incerteza de um dia sem esperança de vida prolongada. Ao mesmo tempo, essa condição torna a narrativa singular pelo modo como a construção da escrita morrisoniana imprime o retrato do ser humano como “dominante” e “dominador”. Por essa ótica, Toni Morrison reconta, literalmente, uma verdade no ambiente dos brancos dominadores, evidenciando o sistema de produção escravista e capitalista da época que bloqueiam o sentimento de pertencimento dos negros norte-americanos ao lugar.

Nesse contexto, Paul D refletia: “Ouvir aqueles pombos em Alfred, Georgia, e não ter nem o direito nem a permissão de fruir daquilo porque naquele lugar a neblina, os pombos, a luz do sol, a terra cor de cobre, a lua – tudo pertencia aos homens que tinham armas” (MORRISON, 2007, p. 220). Compreende-se que Paul D assim como os demais não tinham a permissão de apreciar a natureza que circunda o espaço, a não ser “escolher as menores estrelas do céu para serem suas” (MORRISON, 2007, p. 220).

Nota-se que o negro pouco pertencia ao espaço, todos os elementos lhes eram negados, por essa razão se tornava cada vez mais difícil sentir os verdadeiros prazeres do espaço ao redor: “Desta

alienação resulta a não-inscrição numa história, numa cultura e num lugar vividos e percebidos como não-lugar, não-história e não cultura” (WALTER, 2009, p. 117). É por meio dessa percepção que, nesse momento, evidencia-se, no discurso literário de Morrison, a condição de objeto do negro, uma invisibilidade no espaço estadunidense, trajetórias essas legitimadas pelo reflexo da sociedade “brancocêntrica” (CORREIA, 2010).

Desse modo, não existia outro sentimento em Paul D a não ser aversão a esses espaços. Em torno de todos os comportamentos de Paul D, “uma resposta possível é que de algum modo todos eles se referem à maneira pela qual os seres humanos respondem ao seu ambiente físico – a percepção que dele têm e o valor que nele colocam” (TUAN, 1983, p. 2).

A percepção de Paul D ao local é lamentável, o desenvolvimento de seu sentimento transmite a ausência total de valorização e reconhecimento humano. O mesmo acontece com Sethe em conversa com Paul D, quando relembra do dia em que foi açoitada:

Me seguraram no chão e tiraram meu leite. Foi para isso que entraram lá. [...]. O professor fez um deles abrir minhas costas e, quando a pele cicatrizou, tomou a forma de uma árvore. Ela continua aqui. – Usaram o açoite em você? – E tiraram meu leite. – Surraram você grávida? – E tiraram meu leite! (MORRISON 2007, p. 35).

Dessa forma, percebe-se que a personagem, ao relatar esses acontecimentos para Paul D, mergulha em memórias passadas, descreve a intrincada condição em que viviam as mulheres afro-americanas, esses tipos de violação eram constantes no corpo das mulheres negras, as quais eram tratadas como objetos sem valor. Observa-se que os espaços dos negros nos Estados Unidos em sua ocupação eram comandados pelos homens brancos, os negros não podiam viver em paz em sua residência nem adentrar em determinadas ruas, bares, restaurantes e lojas.

Os espaços opressivos ainda continuam presos na mente de Sethe, pois, ao explicar o que é memorização para a filha Denver, ativa novamente os cenários topofóbicos nos quais:

Algumas coisas se vão. Passam. Outras simplesmente ficam. Eu costumava pensar que era minha lembrança (re-memory). Você sabe. Algumas coisas a gente esquece, outras jamais. Mas não é bem assim. Os lugares continuam ali. Se uma casa é incendiada, ela some; mas o lugar, a imagem dele, permanece, e não só em minha lembrança (re-memory), mas lá fora, no mundo (MORRISON 2007, p. 50).

Observa-se que a paisagem da dor, dos horrores e do medo ainda continua na mente dos herdeiros da escravidão. A citação acima traduz do invisível para o visível as imagens da precária condição do negro que permanece no imaginário social. Ainda compreende-se que o espaço que é

expresso no presente é conhecido como topocídio, que extingue o lugar, e, ao mesmo tempo, é responsável por constituir o espaço topofóbico no passado: quando Sethe relembra o estado de demolição do espaço, este, por sua vez, se apresenta de modo traumatizante.

Expuseram-se, nessa análise literária, os espaços da topofobia descritos na narrativa. Na verdade, são os espaços do medo e da opressão sobre os quais a maior parte das personagens viveu e relembra experiências traumáticas.

Neste estudo, focou-se esse olhar, mais especificamente, nos espaços ocupados e vividos por Sethe e Paul D por ser os únicos sobreviventes no tempo presente da narrativa.

### **Considerações finais**

A teoria da Geografia Humanista de linha tuaniana foi promissora nessa pesquisa para permitir analisar a dinâmica do espaço, tendo sido vistos conceitos e sentimentos dados a esses espaços, às extensões, variações sentimentais, a depender de cada condição do espaço vivido entre os personagens.

Como resultado, as análises dos espaços feitas no romance *Amada* transmitem a revitalização de um passado à procura de dar voz a uma nova realidade histórica, o que poderá ser compreendido como a constituição de um espaço para a “Alteridade” que desafia e resiste ao discurso dominante.

Por meio do processo de rememoração, a personagem Sethe conduz o leitor para uma fase de verificação do espaço de resistência, compreendida como atuações políticas, de modo a atender as necessidades específicas, culturais da comunidade. Esses espaços são discursivos, revolucionários e estabelecem novas visões sociais e regras de comportamento militante. Serve para impulsionar as lutas pela descentralização de poder e elencar uma liberdade de movimentos revolucionários ocupando o espaço de atuação.

É o local das sociedades afetadas pelas classes ascendentes, das inquietações sociais, políticas, econômicas que são consequências do próprio percurso histórico. E esses espaços surgem quando se discute o tipo de sociedade, as injustiças sociais, a tentativa de reconstruir uma sociedade na qual todos possam viver em um espaço social sem preconceitos de cor, raças, religiões e tudo que envolva a exclusão social.

Nota-se por meio deste estudo a relevância desses elementos naturais na geografia norte-americana, como, por exemplo, o envolvimento peculiar do negro com seu espaço de atuação, descrevendo as inúmeras simbologias que rodeia a cultura afro-americana. Assim, sendo, Morrison injeta uma visão de mundo que aborda os aspectos de uma política de resistência racial, de harmonização e globalização por um pensamento de atuação moral, político e ético, cuja principal intenção é fazer sucumbir às forças dominantes.

Desse modo, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para os estudos de narrativas afrodescendentes, principalmente para aqueles que se interessam pelas narrativas de autoria feminina negra.

### Referências

ABREU, Maurício. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011.

AMORIM FILHO, Osvaldo Bueno. Topofilia, topofobia e topocídio em Minas Gerais. In: *Percepção ambiental. A experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

CARLOS, Ana Fani Alexandri. *Espaço tempo na metrópole: A fragmentação na vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

CORREIA, Severino do Ramo. *Quilombhoje: um tambor expressando as vozes literárias negras*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Departamento de Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande, 2010. Disponível em <<http://pos-graduação.Ascom.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertações/Dissertações2010/Severino.pdf>> Acesso em 05 jan 2014.

CHEVALIER, Jean; GUEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva/Raul de Sá Barbosa/Angela Melim/Lúcia Melim. Rio de Janeiro; José Olympio, 2006.

FOSTER, Thomas C. *Para ler literatura como um professor*. Trad. Frederico Dentello. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

MORAES, Antonio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia crítica: a valorização do espaço*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MORRISON, Toni. *Beloved*. São Paulo: Nova Cultura, 1987. Trad. Evelyn Kay Massaro.

\_\_\_\_\_. *Amada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Trad. José Rubens Siqueira.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.



TUAN, Yi-Fu. *A paisagem do medo*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Edusp, 2005.

\_\_\_\_\_. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Schwarz Ltda., 2011.

WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. São Paulo: Coleção Letras/Bagaço, 2009.

**TOPOPHOBIA: THE REPRESENTATION OF OPPRESSIVE SPACES IN *BELOVED*,  
BY TONI MORRISON**

**Abstract:** The objective of this research is to identify the representations of space oppressive in the novel *Beloved*, by Toni Morrison from a perception of the space, showing the relationship between the spaces occupied by the black characters, in conveying feelings of topophobia. The methodology is theoretical, qualitative-descriptive. Intending to design the literary research through explanatory, descriptive and exploratory analyzes, the field of Humanistic Geography is used as basis to the study, which discusses Humanistic Geography terms of space and the relationship of Black Americans with these space. It was found at the end of the research that analyzes the spaces that were made in the novel “Beloved”, transmits the revitalization of a past for giving voice to a new historical reality, which may be understood as the creation of a space for an “alterity” that challenges and resists to the dominant discourse.

**Keywords:** Humanistic Geography; Alterity; African American Literature.